

OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA ATRAVÉS DOS RELATOS DO PROJETO *SP INVISÍVEL*

*Amanda Cristina Carneiro*¹

*Mariana Ramalho Procópio*²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os principais imaginários sociodiscursivos sobre as pessoas em situação de rua reforçados através dos relatos publicados pelo *SP Invisível*. Criado em 2014, o projeto pretende publicizar as vivências de pessoas em situação de rua da capital de São Paulo. O recorte temporal para a composição do *corpus* foi de dois meses de publicação e o arcabouço teórico principal foi fornecido pelos autores Serge Moscovici e Patrick Charaudeau, por meio de seus conceitos de representação social e imaginários sociodiscursivos, respectivamente. Os relatos sinalizam a manutenção ou a reverberação de imaginários já cristalizados na sociedade e na mídia hegemônica a respeito das pessoas em situação de rua, tais como a isenção de laços familiares, a isenção de vínculo empregatício, ou o envolvimento com as drogas.

Palavras-chave: *Representação social; Imaginários sociodiscursivos; Situação de rua; Discurso midiático; Rede social.*

INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo pesquisa realizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2015, estima-se que cerca de 101.854 pessoas se encontravam em situação de rua. Enquanto 6,63% delas estavam em cidades com até 10 mil habitantes, outras 40,1%

¹Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV-Viçosa. Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq no período agosto de 2016 a agosto de 2017. E-mail: aamandacarneiro@gmail.com.

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV-Viçosa. Doutora em Estudos Linguísticos pela FALE/UFMG. E-mail: mariana.procopio@ufv.br.

viviam em municípios maiores, com mais de 100 mil pessoas. De acordo com o censo feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), também em 2015, somente a capital paulista concentrava quase 16 mil pessoas nessa situação – sendo 82% homens, com entre idades entre 31 a 49 anos. A região sudeste, conforme aponta Natalino (2016), é a que mais abriga pessoas em situação de rua,

A distribuição regional, por sua vez, é vigorosamente influenciada pela presença de grandes municípios. Sobressai-se a região Sudeste, que abriga as três maiores regiões metropolitanas do país e 48,89% da população em situação de rua. Por sua vez, na região Norte, habitam apenas 4,32% da população nacional em situação de rua. (NATALINO, 2016, p. 25).

A ausência de políticas públicas eficientes que garantam os direitos básicos das pessoas em situação de rua, devido justamente à complexidade operacional de uma pesquisa com pessoas sem endereço fixo (NATALINO, 2016, p. 6), quando aliada à exclusão social e a pouca – e às vezes quase nenhuma - utilização da mídia como informante dessas vozes minoritárias, contribui para o ‘fechar de olhos’ tanto das autoridades como das pessoas-comuns. O sujeito em situação de rua, então, passa a ser ignorado e torna-se praticamente invisível.

Como forma de publicizar os sujeitos que compartilham da vivência da rua, o projeto *SP Invisível*, criado em 2014 por dois estudantes universitários (Vinícius Lima cursa jornalismo na PUC-SP e André Soler, cinema, na FAAP – ambos em seus últimos anos em 2017), a partir de publicações de breves relatos textuais – sempre acompanhados de uma fotografia - dos sujeitos biografados, propõe a visibilidade de pessoas em situação de rua da capital de São Paulo. O movimento, que muito se assemelha ao projeto *Humans of New York*, de 2010, cujo foco é retratar as diversas vidas que ocupam a cidade de Nova York, tem como principal objetivo dar visibilidade aos que pouco, ou quase nunca, participam dos espaços midiáticos, através de um espaço da mídia democrática, o Facebook. Na página da rede social (<https://www.facebook.com/spinvisivel/>), a iniciativa conta com mais de 370 mil curtidas e 500 relatos publicados, segundo acesso do dia 27 de junho de 2017, e se define como “um movimento que visa abrir os olhos e a mente através das histórias dos invisíveis para motivar as pessoas a terem um olhar mais humano”.

Na pesquisa proposta³, nos debruçaremos sobre os relatos postados entre os meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017, totalizando 39 relatos - sendo que um deles foi postado em ambos os meses -, para entender como as 'representações de realidade' são formuladas, reforçadas, moldadas ou transformadas dentro dos diversos grupos e contextos, e como se sustentam pela página do movimento. Para esta análise, utilizamos os conceitos de representações sociais (apresentado por Serge Moscovici) e imaginários sociodiscursivos (por Patrick Charadeau). Dispomos os dados em grades de análise, sendo observadas algumas características da construção de identidade, além de identificarmos cada relato individualmente para tecer uma análise desta construção discursiva.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS: BREVES CONCEITUAÇÕES

Apresentado quase que simultaneamente ao desenvolvimento da psicologia social, o conceito das representações sociais surgiu com os estudos de Serge Moscovi, atualmente considerado "o pai da Teoria das Representações sociais" (ou TRS). Antes de se debruçar sobre a psicologia, Moscovi estudou mecânica, filosofia e francês. Em 1961, o então psicólogo social, publicou sua tese *La Psicanalyse: Son image et son public*, que se popularizou por contradizer algumas das ideias de Émile Durkheim.

As representações, até então analisadas por Durkheim, ainda limitavam-se a compreender como verdade apenas a linguagem dos conhecimentos especializados, científicos, ao passo que o saber popular era marginalizado e deixado de lado. Durkheim discordava da possibilidade da união entre conceitos psicológicos e sociológicos: para ele, as representações deveriam ser compreendidas em configurações distintas: ora representações coletivas, ora representações individuais.

Moscovi, então, é quem propõe a possibilidade da abertura de um debate mais amplo, unindo as duas áreas de estudo na chamada psicologia social. Ele se interessa por compreender o saber popular e cotidiano como dispositivo de racionalidades múltiplas, ressignificando o pensamento instrumentalizado e elitista de Durkheim. Moscovici entende os processos sociais como mutáveis e construídos ao longo do tempo, variando conforme

³ Este artigo foi escrito durante o desenvolvimento de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo projeto PIBIC/CNPq. A pesquisa maior tem como objetivo analisar as particularidades dos discursos biográficos postados através de relatos pelo movimento 'SP Invisível' a partir do diálogo entre os conceitos de imaginários sociodiscursivos (conforme Patrick Charadeau) e espaço biográfico (segundo Leonor Arfuch).

os diferentes contextos. Para ele, a construção das representações acontece no social: “o conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem em suas cabeças, e sim algo que constroem juntas” (SPINK; FREZZA apud AMARAL, 2005, p. 2), numa espécie de intercâmbio coletivo, ambiente propício para estruturar, moldar e modificar ideias. Mas é nessa troca de pensamentos diferentes, heterogêneos, que, também se permite a discussão da inexistência de um consenso, de um tipo de “saber hegemônico”, devido à divisão desigual de poder.

Ao mesmo passo em que em alguns grupos se discute certo tema, outro grupo sequer imaginou falar sobre – ou até fala e enxerga de modo diferente, a partir de um ponto de vista diferenciado. Quando imersos numa comunidade, tendemos a ver o mundo diante uma perspectiva comum aos outros que dali compartilham vivências semelhantes. Julgar o estilo de vida de alguém como “bom” ou “ruim”, por exemplo, exige toda uma bagagem cultural e contextual que formamos ao longo de nossa existência, de acordo com o(s) lugar(es) em que fomos criados. O outro, como muito relata o escritor negro americano, Ralph Ellison em 1965, no livro “O homem invisível”, pode ser visível ou invisível para nós:

Eu sou um homem concreto, de carne e osso, fibra e líquidos - e de mim pode-se até dizer que tenho inteligência. Eu sou invisível, entenda-se, simplesmente porque as pessoas recusam ver-me (...) Quando eles se aproximam de mim, eles veem apenas o que me cerca, veem-se eles mesmos, ou construções de sua imaginação - na realidade, tudo, exceto eu mesmo. (ELLISON, 1965 apud MOSCOVICI, 2015, pp. 30-31).

Ellison, ambientado num contexto de segregação racial vivido nos Estados Unidos, escreve como o grupo dos brancos, das pessoas que recusavam a vê-lo, o tratavam como invisível - não porque ele não estava ali, presente, mas porque era tido como indiferente por essa outra comunidade.

Aceitamos ou excluímos o outro de nosso círculo social e o qualificamos positivamente ou negativamente a partir da nossa tentativa de encaixá-lo ou decodificá-lo dentro de um ‘molde’ de características pré-estabelecidas que carregamos conosco. Nossa cultura, hábitos, recordações e, também, nossa genética que, unidas, e compartilhando de ideias desenvolvidas numa mesma comunidade, nos ditam o nosso modo de ver o mundo, de ver o outro.

Decodificar o desconhecido, tornando-o familiar diante nossas percepções, é uma das preocupações de Moscovici quando estuda as representações sociais. Ele explica que

como preferimos estruturas estáveis às instáveis (MOSCOVICI, 2015), temos a necessidade de incluir o desconhecido em categorias e rótulos segundo o protótipo representante de uma classe para, em seguida, classificarmos como conforme ou divergente da norma. Esse processo, de tornar o não familiar, familiar (MOSCOVICI, 2015), exige duas etapas de igual atenção: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem é responsável pela assimilação, por encontrar um referencial, um ‘molde’ cujo esse objeto desconhecido possa se assemelhar e receber algum tipo de valor. O processo da nomeação retira do anonimato, confere espaço de identidade dentro de um grupo, tornando-o comunicável - sobre o que ou a quem se possa falar. A objetivação segue por caminhos não-verbais: é transformar ideias em equivalentes icônicos. Os núcleos figurativos não apenas representam coisas, mas as criam e as conferem características próprias. Dizer que a fotografia de alguém é este alguém fotografado é selecionar apenas a superfície, ignorando tudo o que vai além daquela fração congelada, tal como dizer que representações são réplicas da realidade,

a representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel. (MOSCOVICI apud ARRUDA, 2002).

Para esta pesquisa, optamos por utilizar o conceito de imaginários sociodiscursivos, defendido por Patrick Charaudeau, por julgarmos mais útil e operacional quando aplicados ao nosso objeto. O estudo os imaginários sociodiscursivos parte de pontos semelhantes aos das representações sociais. Assim como Moscovici, ele também se preocupa em desconstruir o pensamento de que só a lógica formal (ou científica) é correta, mas que toda a nossa vida e nossas experiências são moldadas pela interferência direta de diversos tipos de saberes e seus discursos.

A realidade, conforme Charaudeau (2016), pode ser explicada a partir de dois saberes: o saber de conhecimento e o saber de crença. O saber de conhecimento muito se assemelha à ideia do conhecimento científico – de Moscovici – quando entende o mundo a partir de comprovações incontestáveis, que podem ser provadas cientificamente. Mas também participa deste saber de conhecimento, o saber de experiência – aquele que não é comprovado cientificamente, mas que por ser experiência de alguém, é entendido como verdade. Este saber de experiência, mesmo que um saber popular, também é um saber sólido, uma vez que para se chegar às conclusões finais, as experiências se sobrepõem a

qualquer avaliação do sujeito, não se caracterizando por ser apenas uma opinião, por exemplo.

Por outro lado, temos o saber de crença que considera valores, pensamentos e comportamentos a partir de opiniões, religiões e julgamentos. Charaudeau (2016) ainda apresenta uma subdivisão dentro dos saberes de crença que se estende entre os saberes de revelação – como verdades fundamentadas exteriormente ao sujeito, que se expressam em doutrinas e religiões, por exemplo. São saberes quase fixos em que se pode ou não acreditar, mas que não depreendem de uma comprovação mais sólida – e os saberes de opinião, conforme explica Mariana Procópio-Xavier (2012):

Já nos *saberes de opinião*, as explicações partem do julgamento e opinião de um determinado sujeito e são construídas por motivações variadas, tais como necessidade, verossimilhança, razão, emoção, etc. Interessante notar que este saber é, ao mesmo tempo, pessoal (pois é o julgamento de um ser específico) e social (este ser faz uso dos saberes circulantes na sociedade para construir seu julgamento). (PROCÓPIO-XAVIER, 2012, p. 240).

Os saberes de crença, então, podem ser definidos como saberes subjetivos que não podem ser provados, mas eles circulam na sociedade e mesmo que muitas vezes apenas inconscientemente, também são responsáveis por moldar e transformar nossa compreensão de mundo. Assim formula-se a hipótese de que essas representações constituem maneiras de ver (discriminar e classificar) e de julgar (atribuir um valor) o mundo, mediante discurso que engendram saberes, sendo que é com esses últimos que se elaboram sistemas de pensamento, misturas de conhecimento, de julgamento e de afeto (CHARAUDEAU, 2016, p. 197).

Imagens que interpretam a realidade, os imaginários sociodiscursivos, como defende Charaudeau (2016), não devem ser entendidos como irrealis ou fictícios por utilizarem do termo “imaginário”. Imaginário é justamente porque o entendemos como uma ideia concebida por uma ação em conjunta, uma espécie de ‘imaginário compartilhado’. Já o “sociodiscursivos” pode ser compreendido como a necessidade de existir discursos para se legitimar, discursos esses que são compartilhados num social, mais uma vez.

Os grupos sociais produzem discursos de configuração diversa que dão sentido a essas materializações. Uns se fixam em textos escritos (ou na tradição oral) de maneira mais ou menos imutável e assim podem ser transmitidos de geração em geração: as doutrinas religiosas, as teorias científicas, os manifestos políticos ou

literários. Outros circulam nas comunidades sob configurações variáveis, às vezes mais estáveis, como os provérbios, as máximas e os ditados, às vezes menos, como os torneios de linguagem ou as frases circunstanciais, mas cuja variedade não altera seu sentido de base contido em uma espécie de núcleo semântico mais estável; (...) Esses textos, ditados, *slogans*, enunciados diversos, são apresentados de maneira simples, pois devem ser compreendidos pela maioria, e desempenham diversos papéis de apelo, de manifesto, de acusação, de polêmica, de reivindicação. (CHARAUDEAU, 2016, pp. 206-207).

O ser humano, dentro de suas comunidades, tenta criar parâmetros e moldes nos quais o até então desconhecido possa se encaixar para ser reconhecido, possa ter uma identidade e partilhar (ou não) das experiências em coletivo. A realidade, então, nada mais é que a criação, a manutenção e o reforço de representações e imaginários: é um pensamento criado e partilhado em grupo, de acordo com cada contexto. O que é real aqui e agora pode não ser mais amanhã ou para um grupo diferente.

DISCUSSÕES SOBRE A SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS POSTAGENS DO PROJETO SP INVISÍVEL

De 2009 para 2014, segundo o Censo da População em Situação de Rua da cidade de São Paulo (realizado em 2015), a taxa de crescimento anual da população nessa situação era de 2,56%. Resultado um pouco menor que o de 2000 a 2009 (que chegou aos 5,14%), mas ainda assim, preocupante. Ainda segundo essa pesquisa, a porcentagem de homens na capital paulista equivale a 82% contra 14,6% das mulheres e 3,4% de sexo não identificado. A idade média é de 39,7 anos e, na maioria das vezes, eles vivem sozinhos (60,2%), em dupla (18,5%) ou em grupos de cinco a dez pessoas (7,4%).

Para esta pesquisa, utilizamos do recorte temporal datado entre os meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2016 para a coleta das publicações dos relatos. Organizamos nossos dados – nome e/ou apelido, identidade de gênero, faixa etária, etnia, período em que está na rua, informações sobre estatuto profissional e principais temáticas abordadas em cada relato – em grades de análise que nos ajudaram a entender melhor os imaginários ali reforçados. Ao total, foram 39 postagens veiculadas durante o período selecionado, sendo 20 em dezembro e 19 em janeiro - destacando que em duas publicações aparecem mais de uma pessoa (dois homens em uma e cinco em outra) e uma postagem ainda se repete, mostrando o mesmo rapaz em janeiro e dezembro, com o mesmo relato – então optamos por não contabilizá-lo duas vezes nesta pesquisa.

As principais temáticas abordadas nos relatos de vida veiculados pela página do projeto referem-se à família: 16 em dezembro e 14 em janeiro, totalizando 30 publicações com a temática. Seja lembrando dos pais, cônjuge ou filhos (as), seja citando algum problema familiar – como brigas, traição ou assédio – ou até compreendendo a própria rua como, agora, espaço para a criação de possíveis laços familiares. Esses conhecimentos se caracterizam, segundo o conceito de imaginários sociodiscursivos proposto por Charaudeau, como saberes de conhecimento por experiência. São situações vividas, reportadas individualmente em cada relato, que configuram uma ideia de ‘verdade’ para cada pessoa. A ideia dessa criação de laços familiares na rua é compreendida por Woortmann ao considerar ligações não consanguíneas,

A família é compreendida, segundo Woortmann (1987), como uma unidade ideológica, construída culturalmente no contexto sócio-econômico, no qual está inserida, consiste em laços consanguíneos e/ou afetivos, como um grupo doméstico, e como uma unidade social, ligada a um arranjo residencial, podendo ainda incluir membros não relacionados por parentesco (WORTMANN, 1987 apud NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

Em 17 postagens aparecem referências sobre emprego (seja citando algum trabalho feito anteriormente ou enquanto está nas ruas ou, ainda, o desejo de conseguir um), sobre injustiça e exclusão social sofrida quando citam o descaso das prefeituras (em 6 relatos) e o preconceito ou violência que passam por estarem nessa situação (fala presente em 13 postagens). Na maioria desses relatos percebemos o empenho em justificar-se enquanto um imaginário de ‘cidadão-trabalhador’, esforçado, que já teve algum trabalho ou quer algum (saber de opinião), mas que não consegue por falta de oportunidades e preconceito (saber de experiência e opinião, quando já procuraram e não conseguiram, por julgamentos dos outros).

As discussões sobre as drogas, presentes em nove relatos, e sobre o alcoolismo, citado em dois relatos, aparecem como uma espécie de consequência da vida nas ruas. Eles reconhecem isso enquanto uma situação problemática, e apresentam um saber de conhecimento de experiência ao dizer que,

Eu já tinha vindo na Missão Cena, eu fico pulando de projeto em projeto pra ficar longe das drogas, não quero cair em tentação (Marcos Aparecido Barros);
Tenho uns 10 anos de rua, mas nesse tempo a gente vai entrando e saindo, entrando e saindo (homem, sem nome);
Eu tenho profissão, mas, infelizmente a minha história é mais das mesmas, o alcoolismo me levou para o fundo do poço (Adailson).

Embora as drogas apareçam em apenas 5 relatos como impulsionadora, os motivos principais para se estar na situação de rua concentram-se nos conflitos familiares (presente em 15 relatos) e podem abranger diversos problemas enfrentados com pais, cônjuges ou filhos(as), como evidenciam os relatos de Sander: “Perdi minha mulher na cesárea da nossa filha. Eu entrei em depressão profunda, cortei os pulsos e o único jeito que achei para me sentir um pouco mais livre foi a rua” (SANDER, 2017, s./p.) ou de Gilberto, “Eu tinha minha casa lá em Itapevi, mas me desentendi com minha mulher e larguei tudo pra trás. Eu peguei a traição dela, preferi sair de casa” (GILBERTO, 2016, s./p.).

Onze narrativas reforçam a esperança de sair das ruas, desejo esse que pode ser alcançado, segundo eles, a partir da (re)construção de uma família, da volta para a casa de outros familiares ou arrumando um emprego (o que evidencia um conhecimento de opinião):

Meu sonho é fazer uma faculdade de direito, quero ser advogada pra ajudar as pessoas que precisam de ajuda e trazer meus filhos pra morarem comigo (mulher, sem nome);

Meu sonho é conseguir minha casinha, né. Ter minha privacidade (Jesus Rodrigues);

O meu sonho é conquistar uma família e sair dessa situação. É como disse o Chorão, naquela música "O Preço", "existe sempre um outro jeito de se poder chegar" (Leandro Folha);

Meu sonho, de verdade, é ter um emprego. Se eu conseguir um emprego minha vida vai para frente e resolvo tudo. Comida e roupa a gente ganha, mas emprego não. Por não ter residência fixa é difícil conseguir. Se a gente tá num albergue, já tem preconceito e eles não arrumam, porque a gente mora na rua (Rita de Cássia);

Quero muito arrumar um emprego não para voltar pra casa dela, mas pra minha cidade, pelo menos lá eu conheço mais as coisas (Jardel).

Esse desejo, explorado e enfatizado pela página do projeto em diversos relatos, demonstra uma tentativa do projeto de mostrar como as pessoas em situação de rua estão dispostas a sair dessa situação, evidenciando uma seleção de relatos cujos discursos os coloque como cidadãos trabalhadores, honestos e afetivos. Por outro lado, também podemos entender que essa seleção não só dá visibilidade a certas condições, como também compõe e assume um discurso ao isentar-se de outras falas. Quando a mídia, ao mesmo tempo em que se assume como representante de um discurso de verdade, decide omitir ou alterar a realidade de um grupo, ajuda a moldar um imaginário coletivo que, aos poucos, conforme circula e toma forma na sociedade, se naturaliza como ‘a realidade’: “como o discurso da mídia é apreendido pelo senso comum como um discurso de

autoridade, de quem sabe mais para quem sabe menos, ele conta com um elevado grau de credibilidade” (AMARAL, 2005, p. 8).

AS MULHERES NOS RELATOS DA PÁGINA *SP INVISÍVEL*

Na página do projeto, prevalecem os relatos de homens que se identificam por um nome próprio, embora haja ausência de sobrenome. Aparentemente pertencem a uma faixa etária entre 22 a 41 anos, mas muitos não revelaram sua idade nos relatos. Num primeiro momento da pesquisa, pensamos em utilizar uma estimativa de idade a partir das fotografias postadas, mas durante esse processo, observamos que como esses sujeitos estão submetidos a uma situação vulnerável de, especialmente, grande exposição ao sol e poucas condições de higiene (como tomar banho, ou até fazer o cabelo ou a barba regularmente), seria difícil e até incoerente tentar presumir isso, como explica Scotti Velasco: "os raios ultravioleta (UVA, UVB e UVC) provocam danos estruturais a pele, alterando a pigmentação cutânea, provocando enrugamento, causando envelhecimento precoce e também formando radicais livres reativos" (VELASCO, 2003, p. 12 apud MIRANDA; PIAZZA, 2007, p. 5).

A presença das mulheres, no entanto, se apresenta mais timidamente: apenas cinco mulheres (duas em dezembro e três em janeiro) foram publicizadas durante os meses analisados e estão sempre sozinhas. Percebemos certa ausência da voz feminina nos relatos publicados na página do movimento. Essas mulheres, nas poucas vezes em que são representadas (foram apenas cinco relatos de mulheres veiculados durante o período analisado), abordam especialmente questões ligadas à família - o que reforça um imaginário vigente de opinião de que as mulheres têm forte ligação com o ambiente doméstico. Apenas uma delas conta somente sobre seu trabalho e não fala a respeito da família.

Os sujeitos biografados, enquanto construções discursivas criadas pelo coletivo do projeto, levam-nos a questionar essa falha de representatividade: será que há realmente ausência das mulheres nas ruas? 82% das pessoas em situação de rua são homens, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), colhidos em 2015. Mas há espaço para questionar a recorrência do silenciamento delas nesta mídia que se diz alternativa: se pelas mais diversas pressões, como o machismo intrínseco que não atenta aos homens (e unicamente também administradores do projeto) da necessidade dessa pluralidade de vozes; se pelo baixo envolvimento de ‘curtidas’ e ‘compartilhamentos’

quando há presença da mulher nestes espaços de fala; se por uma possível dificuldade na abordagem de mulheres por parte desses administradores homens; ou até se pela escolha de um recorte.

Em seus relatos, elas também abordam a questão do assédio e da violência que sofrem nas ruas por serem mulheres (em três relatos), caracterizado por um saber de conhecimento de experiência, pois elas viveram e sabem que essa violência existe e acontece frequentemente, como mostra o relato anônimo de uma delas, quando diz:

Faz duas semanas que levamos o maior pau da polícia aqui. Do nada, um policial começou a me bater. Tinha uma menina grávida aqui e até nela bateram. As policiais mulheres que estavam junto não fizeram nada. (...) É a coisa mais difícil você ser mulher na rua, já vi muito estupro, por isso a gente sempre anda com os meninos. Homem só respeita homem. Mas eu não levo desaforo pra casa, se eu to sozinha e mexem comigo, eu desço a porrada, mesmo sabendo que posso me ferir (SP INVISÍVEL, 2017, s./p.).

Em síntese, observamos que a maioria dos relatos apresenta imaginários de saber de conhecimento de experiência – quando vivenciam essas experiências e tem uma propriedade mais sólida para falar sobre – ou saber de crença: os saberes de opinião são mais evidenciados que os de revelação, no entanto. Ao falarem sobre emoções, necessidades e julgamentos, partem de saberes de opinião, mas também recorrem aos saberes de revelação quando se referem a Deus ou alguma religião, crença ou doutrina que seguem.

Esses imaginários, mesmo quando reforçados pelas próprias pessoas em situação de rua, podem ser questionados sobre terem sido, também, uma influência midiática – seja presenciada diretamente por eles, ao verem uma abordagem específica da mídia sobre o que é “ser sujeito em situação de rua” e suas implicações, seja essa influência repassada por outros, ao conceberem essa abordagem e interiorizarem apenas a possibilidade de uma vivência na rua (como entender que essas pessoas são vagabundas e preguiçosas por não trabalharem, por exemplo), transpassando esse discursos a eles. No mais, a escolha de temas, abordagens, focos e gêneros dos relatos veiculados pelo projeto, é uma seleção da equipe do movimento, que também atravessada por outros discursos, escolhe aquilo que deve ou não ser publicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações, apresentadas e constantemente reforçadas pela mídia a partir de uma de uma ideologia dominante, podem limitar as pessoas a certos tipos de compreensões. Entender que os imaginários existem para nos localizar diante as possibilidades, mas que também podem ser reconfigurados é essencial. Apoiamo-nos nessas representações coletivas para entender o mundo que nos cerca, mas precisamos estar abertos para aceitar uma gama de pluralidades que se diferenciam de um molde exato.

Nossa compreensão de mundo, além de ser construída pelo grupo em que estamos, também recebe fortes influências da mídia - mídia essa que participa ativamente na construção de uma possível realidade. Páginas no Facebook e mobilizações se potencializam através das redes sociais e lutam pela inclusão do outro, pela importância da representatividade e da pluralidade de sujeitos. Mas podemos (e devemos) questionar a existência de posicionamentos, enquadramentos e seleções ali presentes. A mídia alternativa traz consigo a preocupação de se diferenciar dos temas e das abordagens construídos e reforçados pela grande mídia comercial, e, muitas vezes é utilizada como porta-voz das minorias, espaço quase que ímpar para que os subalternos se exponham e tenham direito de fala, como aborda Peruzzo (2009),

Historicamente, a posição político-ideológica desse tipo de comunicação no Brasil é de caráter contestador ao status quo e serve como canal de expressão de setores subalternos da população organizados com vistas a obter respostas para suas demandas ligadas às carências sociais e econômicas advindas das desigualdades sociais (condições de moradia, de saúde etc.), bem como às lutas para democratizar a política e a sociedade, além daquelas do mundo do trabalho que visam melhorar a distribuição de renda e as condições de execução das tarefas produtivas (PERUZZO, 2009, p. 4).

Utilizando de um espaço potencialmente democrático, o projeto *SP Invisível*, através da publicação de relatos de pessoas e artistas em situação de rua, tenta dar visibilidade a esses sujeitos quase que invisíveis, e que muitas vezes passam despercebidos por nós. Mas dar ou não voz à mulher, ao negro ou ao LGBT e escolher aquilo que se publica ou o que deve ser deixado de lado ao modificar, alterar ou omitir informações, configura a mídia enquanto um espaço de poder, seja ela hegemônica ou alternativa, de massa ou democrática, tem nas mãos o poder de 'produzir a verdade'. Ao sermos atravessados por diversos discursos durante a vida em diversos contextos, quando inseridos no papel de produtores de discursos, precisamos entender os imaginários sociodiscursivos

que mediamos, uma vez que, como afirma Lelo (2016), “os media modernos são transpassadas por redes simbólicas de poder, de modo a evocar (ou negar) a visibilidade à alteridade, propondo, no processo, que o espectador se envolva moralmente com o evento que trouxe sua atenção” (LELO, 2016, p.119).

Esses imaginários veiculados nos relatos falam não só sobre o que as pessoas em situação de rua vivenciam (um saber de experiência), mas também dizem a respeito de crenças e opiniões (saber de crença) que a eles foram transpassados durante a vida – muitas vezes até pelos meios de comunicação ou por outras pessoas que deles utilizaram para formar suas compreensões de mundo. Tais compreensões, sejam sobre os outros (que não ajudam por preconceito, por exemplo), sejam sobre si (ao se justificar enquanto pessoa em situação de rua, mas evidenciar suas qualidades pensando que os outros os podem questionar enquanto vagabundos, etc.), moldam o que entendemos por imaginários sociodiscursivos e podem moldar ou reconfigurar nossas maneiras de pensar.

Além disso, a ausência de relatos de mulheres durante o período analisado nos levou a questionar a problemática do silenciamento feminino, existente até mesmo num espaço que propõe explicitamente a visibilidade como conceito chave: dos 39 relatos totais apenas 5 eram de mulheres. Os sujeitos biografados, enquanto construções discursivas criadas pelo coletivo do projeto, levam-nos a questionar essa falha de representatividade.

A proposta deste artigo, além de expor a dificuldade de falar sobre as pessoas em situação de rua na mídia sem esbarrar e reforçar imaginários sociodiscursivos circulantes – até quando o veículo foge de uma mídia hegemônica – também espera uma continuidade da reflexão sobre a importância do produtor de notícias e conteúdos se enxergar enquanto produtor de representações, e como são necessárias mudanças discursivas significantes para uma mudança social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Renata Maria do. Representações sociais e discurso midiático: como os meios de comunicação de massa fabricam a realidade. **Lâmina - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, n.1, pp. 1-15, set./2005. Disponível em: <<http://www.ppgcomufpe.com.br/lamina/artigo-renata.pdf>>. Acesso em: 15 Mar. 2010.

Censo da População em Situação de Rua da cidade de São Paulo. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 2015. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/observatorio_social/2015/censo/FIPE_smads_CENSO_2015_coletivafinal.pdf>. Acesso em: 30 Mar. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Os imaginários de verdade do discurso político. In: _____. **Discurso político.** Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.

LELO, Thales Vilela. Mídia, moralidade, alteridade: dilemas da visibilidade em uma sociedade midiaticizada. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 1, pp. 118 – 127, jan-jun/2016. <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/355/368>. Acessado em 12/06/2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. **Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, out./2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf>. Acesso em: 30 Mai. 2017.

NEIVA-SILVA, L., e KOLLER, S. H. (2002). A rua como contexto de desenvolvimento. In: LORDENLO, E. R; CARVALHO, A. M.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Ed. UFBA, 2002.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia**, São Paulo, n. 17, p.131-146. jun./2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641243011>>. Acesso em: 7 Jun. 2017.

PIAZZA, Fátima Cecila Poletto; MIRANDA, Maria Enói dos Santos. **Avaliação do conhecimento dos hábitos de exposição e de proteção solar dos adolescentes do colégio de aplicação.** 2007. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Fatima%20Piazza%20e%20Maria%20Miranda.pdf>>. Acesso em: 5 Jun. 2017.

SILVA, Marta Aguiar da. **Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de minas gerais e rio de janeiro.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

XAVIER, Mariana Ramalho Procópio. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo.** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.